

A FELICIDADE ROUBADA

Cid Seixas

Como o processo de conhecimento humano é seletivo, todo indivíduo não somente escolhe os objetos da sua afeição como também submete as coisas acolhidas a um mecanismo de classificação. Cada objeto novo é inserido numa classe, ou numa categoria de outros objetos tidos como similares.

Naturalmente, os conceitos previamente formados e aplicáveis à classe são transpostos para o objeto novo. Com isso, quero dizer que o nosso processo



de conhecimento parte de pressupostos, de conceitos prévios, ou melhor, de preconceitos.

Não fosse assim, nosso sistema de orientação no mundo seria tão aberto e ao mesmo tempo tão ingênuo como o da criança. Não disporíamos de direções e escolhas gerais que orientam, otimizam, limitam e dão “coerência social” às atitudes do adulto.

Reconhecemos, portanto, que nossos preconceitos de estimação são saudáveis, econômicos e necessários. Mas nesse processo de eficiência e pragmatismo, corremos o risco de ver consolidados os mecanismos de orientação no mundo; de tal modo pétreos, que se tornam impermeáveis a tudo aquilo que anteriormente não tenhamos visto.

É o que ocorre, frequentemente, com o intelectual, o sabichório, o leitor culto. Seu processo de leitura ou de escolha de obras tenta se aproximar do *cânone*, do estabelecido, como referência essencial. Existem obras e autores que integram o cânone constituído pela tradição, funcionando como pontos seguros de ancoragem.

Desse modo, preferimos ler e admirar – antes mesmo de lidos – os textos mais próximos dessa escolha. Mas, às vezes, nos deparamos com autores e obras que fogem ao cânone, que permanecem no limbo ou no purgatório da crítica mais sisuda e exigente: por um cochilo do vigilante sensor intelec-

tual que alimentamos dentro de nós, lemos e até gostamos de obras e autores que, de acordo com nossos preconceitos, não devem ser lidos nem gostados.

São os best-sellers da mídia e da indústria cultural, como, por exemplo, o romance de Régine Deforges *O diário roubado*, publicado pela Record. Deforges é uma mistura de escritora, pintora e cineasta, cujo trabalho dá conta das suas preferências pessoais e de seus conflitos. Para escrever seus livros, como é o caso deste *O diário roubado*, ela se vale de uma arma eficiente: a escrita jornalística. De uma clareza capaz de envolver qualquer tipo de leitor, o texto de Régine Deforges mais lembra uma reportagem ou uma grande notícia narrada ao público. Raríssimas são as vezes em que ela se vale de uma metáfora ou de qualquer outra figura capaz de fazer o leitor sentir a presença material, física, do texto intermediando a história. É como se a história tivesse se passando diante dos nossos olhos que

o realismo ingênuo de Deforges se processa.

Além dessa linguagem denotativa, pragmática e objetiva, é evidente que ela tem algo mais: uma boa história para contar. Boas histórias sempre fizeram o encanto de milhares de pessoas, sejam elas muito inteligentes ou pouco aptas a pensar. Afinal, desde que o mundo é mundo, uma narrativa se sustenta na história narrada.

O livro mostra a fragilidade de uma menina de quinze anos, diante da hostilidade das pessoas de sua cidadezinha. Léone, a personagem central, não entende como o seu amor por uma outra garota pode provocar a ira de tanta gen-



te. É o que acontece quando o seu diário cai nas mãos de um rapaz com claras tendências de inquisidor. Léone é humilhada publicamente, sem contar com ninguém para defendê-la. Diante do escândalo, seu pai prefere permanecer ausente, cuidando dos negócios na colônia africana. Mal vista pelas pessoas e abandonada pelo pai, a menina vê os homens como seus constantes inimigos, acirrando ainda mais o núcleo do seu conflito com a pequena cidade em que vive.

Pelos momentos de força e de verdade humana contidos em muitas passagens da narrativa, *O diário roubado* deixa de ser apenas um eloquente testemunho da crueldade das pessoas contra o amor entre duas garotas, para ser um documento da solidão humana. Um documento forte e convincente, porque escrito com o sangue dos próprios desastres pessoais; com o mesmo sangue que pode fluir das feridas de todos nós.

É esse caráter, jornalístico e documental, de narrativa verdade que des-



perta a atenção do grande público para os livros de Régine Deforges.

Desde o romantismo do século dezenove, com a invenção de um gênero de escrita para o público burguês, isto é, o novo público leitor, oriundo da ascendente condição econômica dos antigos vilões (moradores das vilas, em torno dos castelos), as obras de ficção procuravam simular a aparência de documentos reais. Quando o autor criava uma história intrincada e cheia de peripecias, arranjava um forma de conven-

cer o leitor de que aqueles fatos aconteceram com alguém e que ele, o autor, era apenas a pessoa que encontrou o manuscrito contando a história real dos protagonistas.

A fórmula é velha, portanto, e o público é o mesmo. Daí o sucesso desse tipo de narrativa. Se Deforges fosse uma contadora de histórias que soubesse trabalhar a textura da escrita, estendendo ao *meio*, isto é, às palavras, a força da sua *mensagem* (conforme as expressões forjadas pelo pensador canadense Marshall McLuhan), estaríamos diante de uma artista plena e senhora do seu ofício. Mas nas prateleiras das estantes há lugar para muitas escritas...

SEIXAS, Cid. A FELICIDADE ROUBADA. Artigo crítico sobre o livro *O diário roubado*, de Régine Deforges. Rio de Janeiro, Record, 1997. Coluna “Leitura Crítica” do jornal *A Tarde*, Salvador, 12 mai. 97, p. 7.